

## Entrevista

# Celso Amorim, ex-ministro das Relações Exteriores e da Defesa

## “A diplomacia impõe sacrifícios”

THAÍS LYRA  
DA REDAÇÃO

*Ex-ministro das Relações Exteriores e da Defesa do segundo mandato do governo Dilma, o diplomata Celso Amorim esteve em Santos ontem pela manhã para uma aula magna para alunos de Relações Internacionais da Universidade Católica de Santos (UniSantos). Antes de conversar com os universitários, ele recebeu A Tribuna e falou um pouco sobre a carreira de diplomata. “É um trabalho muito interessante, poucas profissões dão a sensação tão grande de tentar defender o seu país, o conjunto da população. E ainda trabalhar pela paz no mundo”. Santista de nascimento, saiu da cidade com 2 anos e, aos 4, mudou-se para o Rio de Janeiro. Lá, ingressou no Instituto Rio Branco — que forma os profissionais — em 1965.*

### Quais os principais desafios da carreira diplomática?

Para começar, muito estudo. Além de talento e sorte, que é um elemento fundamental. Eu tive muita sorte quando fiz o concurso há mais de 50 anos. A diplomacia oferece muito crescimento pessoal, compreensão do mundo, cultura, mas impõe muitos sacri-

fícios, principalmente para a família.

### Por quê?

Você vai para Nova York, Paris, mas para os filhos não existe isso. Eles querem ir para o Brasil, perto dos amigos, dos primos. E mesmo quando vão para a escola em um lugar diferente, fazem amigos, mas logo têm que mudar. Se pra a gente a sensação é de começar de novo, para eles também. E olha que crianças se adaptam facilmente...

### Um jovem que queria seguir a carreira encontra mais facilidade nos dias de hoje?

Para um brasileiro médio, diria que o Itamaraty ficou mais acessível. Eu não vim de uma família com posses, mas minha mãe insistiu muito no nosso estudo e fez uma boa escola no Rio de Janeiro. Nunca fiz parte da elite econômica, mas da elite cultural. A barreira que eu acho que existia era a grande ênfase dada às línguas estrangeiras. Então, os filhos de diplomatas, ou as pessoas que tinham estudado em colégios mais caros, levavam muita vantagem. E o percentual deles que entrava no Itamaraty era muito alto.



### O que mudou?

Nós não eliminamos as línguas, mas mudamos o peso. Por exemplo, o inglês entra na primeira prova para você buscar muitos outros assuntos. Então, isso ajudou a democratizar o acesso à carreira. No meu tempo como ministro, fizemos concursos grandes, de 100 diplomatas por ano, porque existe uma necessidade de aumentar os quadros. Agora, por conta das restrições financeiras e econômicas, infelizmente, di-

minuiu. Espero que volte a aumentar.

### Como ocorrem os concursos hoje em dia?

De maneira descentralizada, no País inteiro, o que possibilita a uma pessoa de Belém do Pará fazer uma prova com muitos mais facilidade do que antigamente, quando se tinha que ir ao Rio e depois Brasília. Acho que o acesso, embora o concurso seja muito exigente, mudou. Mas continua com um nível alto de exigência. Na mi-

nha época a proporção era 8,9 mil inscritos para 100 vagas, Ouseja, tem que estudar.

### Gostaria que o senhor contasse uma história da qual se orgulhe na sua trajetória.

Tenho várias. Mas uma delas, junto com minha equipe, me orgulha. Nós organizamos o resgate de 3 mil brasileiros no Líbano. Teve um momento emocionante: uma senhora de meia idade chegou, chorou no meu ombro e disse: “essa é terceira guerra de que preciso fugir, mas é a primei-

ra vez que tive apoio do governo brasileiro”. Essas coisas dão satisfação. E há outras: ter trabalhado pela paz e ser reconhecido por isso.

### O senhor está lançando Teerã, Ramalá e Doha: Memórias da Política Externa Ativa e Altiva. Do que se trata?

É o meu terceiro livro e decidi fazer memórias em torno de eixos temáticos. Escolhi três, que acho interessante até hoje. Um deles é a aproximação com os países árabes em geral e também com Israel, o outro é a participação do Brasil em uma negociação muito delicada politicamente que é a declaração de Teerã em relação ao programa nuclear iraniano. A outra narrativa tem a ver com as negociações comerciais globais, chamada Rodada de Doha — por isso o nome.

### O que significa para o País?

Mostram como o Brasil aumentou sua presença no mundo e participou de várias negociações globais, tanto no plano político quanto no econômico e conquistou a confiança dos países no Oriente Médio.

### E a que o senhor atribui?

Talvez pela própria composição. O Brasil é um País muito grande, já tem um peso natural nas relações internacionais.